



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**



Ícaro Luís Fracaroli Vila

AS REDES SOCIAIS COMO INTERFACE DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

São João del-Rei
2019

Ícaro Luís Fracaroli Vila

As redes sociais como interface de aprendizagem de línguas estrangeiras

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação, sob a orientação da Prof^a. Dra. Janaina Azevedo Martuscello Vieira da Cunha

São João del-Rei

2019

Ícaro Luís Fracarolli Vila

As redes sociais como interface de aprendizagem de línguas estrangeiras

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação. sob a orientação da Prof^a. Dra. Janaina Azevedo Martuscello Vieira da Cunha

Profa. Dra. Janaina Azevedo Martuscello Vieira da Cunha - UFSJ

Prof. Dr. Sérgio Gualberto Martins - UFLA

Ptof. Dr. Mateus de Carvalho Martins

A todos os meus colegas professores, alunos e familiares.

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer a todos aqueles que tiveram imensa paciência comigo nesses anos de estudo e jornada, sobretudo meus pais, meus pets e minha amiga Carol que, mesmo sabendo que poderia ouvir um não, não se cansava de me fazer convites para algum passeio. Um agradecimento especial a meus alunos de sábado, que entenderam perfeitamente a minha necessidade de faltar para a prova presencial do curso.

Agradeço também ao MEC pela Universidade Aberta, sem o qual este curso não teria sido ofertado, a coordenador e a minha orientadora, pela inestimável ajuda. É também bastante justo agradecer ao professor Fernando, coordenador do polo Serrana. Se não fosse a sua flexibilidade e sensibilidade, eu teria tido vários problemas para cumprir o calendário de provas. Agradecimentos especiais à secretária Luciana também, muito simpática e dona de um café maravilhoso!

RESUMO

Em tempos atuais, é impossível negar a grande influência das tecnologias de informação e comunicação na vida das pessoas. Em um mundo globalizado como o nosso, se faz necessário uma língua global que atenda a toda a população. A língua inglesa é desde a Segunda Guerra Mundial a língua de todo o mundo. Este trabalho tem como objetivo investigar como o Facebook, uma das ferramentas digitais de maior relevância, tem sido utilizada pelos professores de língua inglesa. Sua relevância é grande, uma vez que novos métodos contribuem para ensino e aprendizagem mais eficientes, especialmente de alunos nativos digitais. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, seguida de um questionário aplicado com docentes de escolas públicas, particulares e de idiomas. Constatou-se que os alunos são todos nativos digitais, ou seja, já nasceram no mundo das tecnologias. Contudo, os professores ainda não estão totalmente preparados para lidar com esse cenário e não contam com o recurso necessário para tal.

Palavras-chave: Ensino de inglês. Letramento digital. Formação de professores. Facebook.

ABSTRACT

Nowadays, it is not possible to deny how big is the influence of information technology in people's lives. In a globalized world, it is vital a global language to fulfill needs. English language has been the one since Second War. This work aims investigate how Facebook, one of the most relevant digital tools, has been used by English teachers. Its relevance is big, once new methods contribute to teaching and learning more efficiently, in special of native digital students. It was made a bibliographic research about the topic, followed by a form applied with teachers from public and private schools, and private teachers. It was found that students and digital native, which means, they were born in the world of technology. However, teachers are not ready at all to face with this scenario and do not count on the necessary resources for that.

Keywords: Teaching English. Digital literacy. Teacher training. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Área de formação dos entrevistados	30
Figura 2	Tempo de atuação dos docentes entrevistados	31
Figura 3	Rede de ensino de atuação dos entrevistados	31
Figura 4	Nível de ensino de atuação dos entrevistados	32
Figura 5	Porcentagem de usuários de redes sociais	33
Figura 6	Porcentagem de professores com aplicativo do Facebook instalado no celular	34
Figura 7	Meios utilizados para acessar o Facebook	35
Figura 8	Porcentagem de participantes que criaram grupo no Facebook	35
Figura 9	Funcionalidades do Facebook	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA	13
3	O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ATUALIDADE	19
3.1	Breve histórico do ensino de línguas no Brasil	19
3.2	A LDB e o ensino de línguas estrangeiras	20
3.3	PCN: um norteador para a ação pedagógica	24
3.4.	O ensino de inglês mediado por tecnologias	27
4	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	30
4.1	Análise da caracterização dos docentes	30
4.2	Análise do uso de redes sociais na educação	33
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE A	45
	Modelo de questionado aplicado	45

1 INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, é inegável afirmar a influência da tecnologia no nosso cotidiano. A todo momento, usamos o smartphone, vemos televisão ou estamos conectados em nossos iPads. O computador é cada vez menos usado. Até nossas televisões, que já foram muito pesadas e com péssima imagem, são capazes de conectar à internet. Tudo está a um clique na nossa mão.

As gerações de hoje já são nativas digitais, ou seja, já são mais familiarizadas com tanta tecnologia. Cada vez mais, nossas escolas recebem esses nativos, o que deixa os professores, principalmente aqueles chamados de imigrantes digitais, em situação mais complicada. É tema recorrente em muitas universidades como usar esse bombardeio de tecnologia nas aulas.

Assim, este trabalho tem como foco/temática o uso de tecnologias na aula de língua inglesa. A escolha deste tema foi motivada por alguns fatores. Primeiramente, a tecnologia nos torna seres do mundo, ou cidadãos globais, e para conseguir se comunicar em rede, a língua inglesa é a universal. Em segundo lugar, o nosso trabalho em sala de aula há mais de 10 anos tem mostrado que os alunos estão evoluindo muito rápido em relação ao uso da tecnologia e saber como usá-la é um grande desafio para o professor do século XXI.

Destarte, será importante para oferecer novos véis metodológicos para o ensino superior, por meio de uma tecnologia presente nas mãos de todos que têm um smartphone: ensino de inglês utilizando o Facebook. No âmbito na Sociolinguística, esses estudos combinam uma multiplicidade de microinterações locais com conjunto de regras simplificadas, ampliando a interação linguística.

Este trabalho pretende investigar, outrossim, por meio de questionários estruturados online, se os professores de redes públicas e particulares dos níveis fundamental e médio usam o Facebook como meio de promoção de aprendizagem da língua estrangeira. É sabido que os alunos têm grande aderências às redes, o que não é muito comum aos professores. Assim, essa pesquisa é importante por apresentar um panorama do ensino mediado por tecnologias, bem como oferecer à comunidade de professores alternativas de metodologias alternativas às clássicas já desgastadas.

A todo o momento, o ser humano está falando, gesticulando ou escrevendo. E para qual objetivo os fazemos? A resposta para essa pergunta é bem simples: para nos comunicarmos. A capacidade de comunicação é nata ao ser humano. Mas o que a difere dos animais? Nós utilizamos a língua para comunicar, ao passo que os animais possuem uma linguagem que lhes é própria.

A língua é, para SAUSSURE (1971: 15), “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias nos indivíduos”. Ainda, segundo o autor, ela é um “sistema de signos”, ou seja, conjunto de unidades que se inter-relacionam com certa organização, dentro de um todo. Para os professores de línguas, a língua é o seu objetivo de ensino. E para ensinar, técnicas e métodos são muito necessários. Eles acompanham, sobretudo, o seu tempo e espaço.

A Segunda Grande Guerra terminou em 1945 e mudanças profundas na nossa sociedade foram inseridas, como uma hegemonia que permanece até os nossos dias atuais. Os Estados Unidos da América passam a ser o país controlador dos demais, devido a sua potência econômica e influência política. Por conseguinte, sua cultura e seu modo de vida também são difundidos. Quando a cultura de um país se espalha, a sua língua acompanha. Toda cultura tem como elemento constituinte a língua pátria. Assim, a língua inglesa passou a ser mais usada, devido à nova situação norte-americana no contexto mundial.

Por tais motivos, há um interesse maior nas práticas pedagógicas, bem como nos métodos de ensino de línguas estrangeiras sofreu profunda mudança. Os linguistas buscaram novas formas mais eficazes de se consolidar o ensino e aprendizagem delas. Passamos por vários métodos, como o gramática-tradução, direto, ensino situacional e o método audiolingual, todos considerados tradicionais. No final da década de 1960, o método situacional era o mais utilizado.

Todavia, linguistas britânicos e grande parte do Conselho Europeu para as Línguas (*Council of Europe*) não mediram esforços em busca de método mais moderno e funcional. O resultado foi tão bom que chegaram a uma abordagem, denominada abordagem comunicativa (RICHARD & RODGERS, 2010).

A abordagem, como nos afirma Almeida Filho (1998), é mais ampla que o método, por ser um conjunto de pressupostos explicitados, níveis estabilizados ou mesmo crenças intuitivas quanto à natureza da linguagem humana

(...), ao passo que o método é uma série de procedimentos, não tão global quanto a abordagem.

A abordagem comunicativa tem a intenção de capacitar o aluno a se comunicar por meio de atividades reais de comunicação, envolvendo-o em atividades com a utilização da língua em uso, levando em consideração os objetivos do aprendiz. Nela, se trabalham as quatro habilidades (leitura, escrita, audição e fala) e a face léxico-gramatical da língua. Utilizam-se materiais autênticos, com um único objetivo: tornar o aluno apto a se comunicar na língua aprendida.

Além disso, tal abordagem considera a funções semântica e social da língua em situações reais de interação e desenvolve uma melhor capacidade de criação de novos enunciados, se compararmos aos outros métodos sucessores. O aprendiz deve, ainda, saber adequar o seu discurso ao contexto de comunicação para atingir seus objetivos.

A comunicação em língua estrangeira é atingida somente com a cristalização da competência comunicativa. Sabemos que a comunicação é a capacidade do falante em produzir enunciados significativos e que cumpra um papel social, que é de interagir com outro falante. É uma forma de interação social, imprevisível em alto grau e ocorre em um contexto. Um falante tem de ser competente.

A distinção de abordagem é importante, pois é nela que acontece o maior uso de tecnologias na sala de aula. Conforme visto, a sua vastidão nos possibilita uma gama maior de técnicas e, por conseguinte, de tecnologias. Destarte, os alunos da atualidade se sentem mais acolhidos quando o professor tem a tecnologia como uma aliada no processo de ensino e aprendizagem.

A visão única do livro didático como único meio de aprendizagem já era ultrapassada em 2001, como afirma Brown (2000, a). Hoje, sem as restrições do material impresso, o professor pode atualizar o conteúdo da sala de aula para o dia dela, por meio de vídeos e artigos de jornais internacionais, por exemplo. Além disso, o aluno por contar com o feedback automático de algumas ferramentas, o que o permite seguir o seu próprio ritmo e desenvolver a sua autonomia. O aprendizado é cada vez mais dinâmico, individualizado e aplicado em locais que não sejam a sala de aula – mesmo que ela seja o nosso local de estudo neste trabalho.

Para realizar este estudo, cumpriu-se algumas etapas. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em fontes de educação e

de linguística aplicada ao ensino de idiomas. Em segundo lugar, se construiu um questionário, aplicado entre dezembro e janeiro, por meio do Google Forms. Por fim, se realizou a escrita deste trabalho final.

O trabalho está estruturado em 3 capítulos, sendo que no primeiro capítulo, será abordado o uso de tecnologia na educação em linhas gerais. Procurou-se reunir alguns autores de referência sobre o tema, contrastando pontos positivos e negativos.

No segundo capítulo, é apresentado um panorama do ensino de idiomas, sobretudo inglês, no nosso país. São ainda explorados os documentos oficiais e um pouco da literatura específica sobre uso de tecnologia na sala de aula.

Já no terceiro capítulo, trataremos de tabular os dados obtidos por meio dos formulários e confrontá-los com a teoria apresentada, apresentando os resultados ao leitor.

Ao final deste estudo foi possível considerar que os alunos de hoje são nativos digitais e que os professores não estão preparados para lidar com esse cenário, uma vez que falta formação e recursos.

2 O ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA

Usar tecnologia na educação não é algo tão novo como se imagina. Neste capítulo, apresentaremos algumas reflexões que serão essenciais ao se tratar dados no capítulo 4.

Nossa sociedade passa pelo momento da informação e comunicação. Nunca, em nossa história, foi tão fácil trocar mensagens com quem está do outro lado do planeta. Por um simples aplicativo ou ligação de telefone, é possível falar instantaneamente com qualquer pessoa. O valor central dessa sociedade é o conhecimento. Ele adquire um papel social e econômico muito importante, de forma a estrutura a nova sociedade.

Quando se fala em tecnologia, se associa diretamente ao computador. Contudo, tecnologia não é só isso. Segundo Blanco e Silva (1993), o termo tecnologia vem do grego *technê* (arte, ofício) e *logos* (estudo de) e referia-se à fixação dos termos técnicos, designando os utensílios, as máquinas, suas partes e as operações dos ofícios. Desde o início do uso do termo, a tecnologia estaria relacionada ao processo de cientificação da sociedade, que passou a acreditar menos em mitos.

Na área educação, tecnologia tem possibilitado avanços significativos. Obviamente não se trata da introdução da tecnologia pela tecnologia, apenas, mas uma nova forma de organizar e fazer educação com o auxílio da tecnologia. Deste modo, a tecnologia entra na educação como um recurso potencializador das propostas educacionais dos professores.

Atualmente, é perceptível um grande avanço das tecnologias de informação e comunicação nos ambientes escolares, em todos os níveis: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Técnico e/ou Ensino Médio e Ensino Superior. Em todas as etapas do ensino, ela traz grandes benefícios, os quais dependerão do uso que será dado pela escola ou pelo professor.

Contudo podemos citar alguns benefícios para Araujo Jr e Marquesi (2009, p. 359):

- Acesso à informação: internet, bases de dados, livros eletrônicos, entre outros;
- Comunicação entre alunos e entre alunos e professores: e-mail, redes sociais, fóruns de discussão.
- Utilização de simulações, animações e objetos de aprendizagem;
- Utilização de softwares educativos;

- Educação on-line e educação a distância;
- Ambientes virtuais de aprendizagem que ampliam o espaço e tempo de aprendizagem tradicional realizada em sala de aula.

Como se pode notar, são muitas as vantagens. Além disso, não se pode deixar de mencionar que o seu uso frequente coloca o aluno no cerne do ensino, já que ele deve estar sempre construindo seu aprendizado. Toledo (2015, p. 22), bem como, afirma que há diversas formas de aperfeiçoar a transmissão do conhecimento nas escolas, uma delas é:

O uso de recursos tecnológicos (computador, recursos multimídias, softwares educativos), que auxiliam tanto o professor quanto o aluno durante o processo de aprendizagem, proporcionando condições, ao professor, para ministrar aulas de forma mais criativa, acompanhando as transformações e mudanças que ocorrem quando o aluno passa a exercer sua independência na procura e seleção de informações e na resolução de problemas, tornando-se assim o ator principal na construção do seu conhecimento.

Ainda segundo o mesmo autor, o computador não é mais o instrumento que tem total controle sobre quem está aprendendo, mas sim a ferramenta de qual o aluno se beneficia e com ela desenvolve suas atividades. Toledo (2015, p.26) conclui que “o aprendizado ocorre pelo fato de aluno executar uma tarefa por intermédio do computador”.

No quadro a seguir, os autores Araujo Jr e Marquesi (2009, p. 362) traçam um panorama sobre a mudança de paradigma na educação:

Velha episteme	Novo episteme
Processo centrado no professor	Processo centrado no aluno
Processo baseado no conhecimento	Processo baseado em problemas
Aprendizagem fechada	Aprendizagem flexível
Postura autoritária	Postura democrática
Estudo individual	Estudo em grupo (cooperação e colaboração)
Interação face a face e utilização de papel	Interação pela Internet
Ação centrada na sala de aula	Ação centrada na hipertextualidade
Aprendizagem administrada pelo professor	Aprendizagem mediada pelo computador em AVA

Da tabela, pode-se apreender que a aprender de cunho tradicional é totalmente modificada, já que o docente não é mais aquele detentor soberano do

saber. Com o aluno no centro do processo, a educação é mais democrática e colaborativa, com internet mediando as relações e a hipertextualidade. Entendamos este conceito com o mega texto, como a primeira página de um portal de internet, repleto de texto, figuras, fotos, animações, vídeos, etc. A aprendizagem baseada em problema, ainda nos dizeres de Araújo (2003), faz com que o aluno seja ativo ao buscar o conhecimento, não o recebendo passivamente como aquele que espera pela explicação a estuda à exaustão para a prova.

A concepção do aluno no centro do processo é aquela defendida pelo Cognitivismo. Suas origens estão na metade do século XX com o advento dos computadores, da cibernética, da Teoria de Sistemas e das Teorias da Informação. Aqui é levado em consideração o processo de atribuição de significados à realidade em que o indivíduo se encontra, ou seja, o processo cognitivo de compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvido nas situações de aprendizagem. A área contou com as contribuições dos estudos da Psicologia, da Medicina, da Linguística e de outras áreas, alguns teóricos empreenderam pesquisas cujos resultados trouxeram grandes avanços para a área da Educação.

O papel do professor também sofre alteração, já que este deve propor atividades que usem as novas tecnologias. A LDB de 1996 postula que deve ocorrer em nível superior, tendo como fundamento a associação entre teoria e práticas, aproveitando as experiências anteriores em instituições de ensino. Paiva (1998) acredita que o professor de idiomas não deve ser capacitado técnico e cientificamente apenas. É necessário que seja competente linguisticamente e que tenha amplo conhecimento das metodologias de ensino, sobretudo daquelas que promovam a real comunicação. Ressalta ainda que o professor deve ter bastante conhecimento de seus papéis a desempenhar em sala de aula e quais ações devem receber atenção especial para melhor efetividade de seu trabalho. Paiva (1998), contudo, ressalta que a proximidade da aposentadoria pode fazer com que o professor perca o interesse em usar as novas tecnologias, ou que ainda não se interesse por não saber usar. Diante disso, Brown (2001) ressalta que o treinamento de professores é essencial para que seja feita a diferença na vida das pessoas.

Por fim, é importante ressaltarmos o papel das redes sociais. Surgidas em meados dos anos 2000, elas não como um espectro da realidade nos meios virtuais. Castells (2006) ressalta que vivemos em dilúvio de informações, principalmente nas redes sociais. Afirma ainda que pessoas com mesmos objetivos

criam comunidades de interação, que são diferentes formas de relacionamento e expansão de processos educacionais além dos muros da escola. As relações virtuais dinamizam o relacionamento.

O uso das redes sociais tem proporcionado novas experiências de aprendizagem. A facilidade de estar conectado pelos aplicativos contribui para o ensino e afetam a vida das pessoas. O Facebook em especial possibilita a conexão com milhares de pessoas de diversas nacionalidades, já que é a rede de maior uso no mundo. Isso tem feito que a rede ocupe um espaço significativo na educação, gerando um canal de comunicação mais aberto. Para a educação, propicia um ambiente de aprendizagem mais rico e de maior envolvimento, justamente por fazer parte do cotidiano dos alunos (MATTAR, 2013).

O uso de redes sociais na contemporaneidade acaba se dando por igual entre nativos e imigrantes digitais. Conforme já se foi discutido, estamos presenciando uma revolução brusca nas tecnologias. A Internet da forma como chegou revolucionou a forma como as pessoas se comunicam e se relacionam com as novas tecnologias. Assim, nasce duas gerações: (1) aquelas pessoas que nasceram anteriormente e que tiveram que aprender a lidar com a tecnologia – os imigrantes; e (2) aqueles que nasceram já nesta era e cresceram rodeados por ela – os nativos.

Sobre os nativos, pode-se ainda descrevê-los mais detalhadamente como aqueles que são capazes de estar conectados ou não, levando duas vidas em paralelo – uma on-line e outra off-line durante todo o dia. Para Mattar (2013), apesar dos imigrantes poderem ter um perfil em redes sociais, eles não conseguem como os nativos a levar essas duas vidas em paralelo, acrescida da forma de pensar em hipertexto. As crianças de hoje têm uma pré-disposição para o digital, com novas formas de agir, impulsionadas pela velocidade dos meios de comunicação.

Já os chamados imigrantes digitais podem ser assim caracterizados:

Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes Digitais (PRENSKY, 2001, p. 2).

Há, assim, uma divisão no que diz respeito à tecnologia. Contudo, esta proporciona diversas fontes de informação e atenção visual aos nativos digitais.

Esses, calcados na inovação e na mudança de aparatos tecnológicos, buscam ainda a interação não só na rede, mas também em sala de aula. Destarte, um impasse em sala de aula ocorre, devido ao conflito de gerações. Os professores, segundo Carrano (2008), são na maioria imigrantes e não estão preparados para propor atividades para esta nova geração. A escola acaba sendo palco de um choque de gerações.

Carrano (2008) ainda afirma que a falta de comunicação atrapalha em muito a comunicação entre os sujeitos escolares. Professores alegam que alguns dos problemas relacionados aos jovens hoje é que estes se mostram apáticos, indisciplinados, desinteressados pelos conteúdos escolares. Já os alunos, por sua vez, costumam reclamar de aulas sem sentido prático, professores despreparados e sem didática, espaço inadequado e ausência de meios educacionais, principalmente quanto ao acesso a computadores e internet.

Neste entremeio, as redes sociais causam ainda bastante conflitos. É impossível negar que elas são um fenômeno cultural contemporâneo de grande popularidade, principalmente no Brasil. Contudo, em meios escolares, é encarada com bastante receio como um meio didático. Sobre o conceito de redes sociais, tem-se que:

[...] uma série de participantes autônomos que unem recursos e ideias em torno de interesses comuns, independente de proximidade geográfica ou filiações institucionais. As redes sociais virtuais, portanto, são espaços para interação e compartilhamento de informações. Nelas as relações se dão de uma forma horizontal, em que todos têm praticamente o mesmo poder de comunicação (LEVY, 2010).

As novas tecnologias inovaram a forma de ensinar e agregaram mais valor ao papel do professor, aumentando a sua responsabilidade no seio da sociedade. O docente do século XXI em meios digitais é promotor de eventos pedagógicos, à medida que cria métodos que se vinculam às novas tecnologias da informação. Desta forma, o papel desse novo modelo de professor, juntamente com suas novas competências, é destacado da seguinte maneira:

Não existe mais espaço para aula meramente informativa. Segundo Perrenoud (2000), o ofício de professor está se transformando. O autor salienta que se devem privilegiar práticas inovadoras e, portanto, as competências emergentes, aquelas que deveriam orientar as formações iniciais e continuar com aquelas que contribuem para a luta contra o fracasso escolar e desenvolvem a

cidadania, aquelas que recorrem à pesquisa e enfatizam a prática reflexiva (PERRENOUD, 2000 apud GIRAFFA, 2013, p.11).

Finalmente, esta mudança não ocorre por mera convenção social, como afirma Lévy (2010, p. 173) pela necessidade de mudança qualitativa nos processos de aprendizagem. Essa é o ponto de convergência de todo o esforço para adequar os professores ao seu novo papel. Para que se tenha um ensino de excelência, o professor deve estar conectado aos anseios da sociedade e de seus alunos, sabendo utilizar de todos os recursos que ele dispõe, tornando alunos competentes.

3 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ATUALIDADE

Este capítulo aborda um histórico do ensino de línguas no nosso país até chegarmos à importância da língua inglesa nos dias de hoje. Muito se fala da importância de a língua ter chegado ao status de língua global. Contudo, o que a que se refere este termo? Crystal (2003) afirma que é global a língua que extrapola os limites de onde é falada. É aquela dos negócios, da comunicação, e sobretudo, do poder político dos países de seus falantes. No caso do inglês, pela hegemonia norte-americana pós-segunda guerra. E no Brasil? Como se deu esse processo? É o que será apresentado no próximo item.

3.1 Breve histórico do ensino de línguas no Brasil

No Brasil, a primeira língua estrangeira ensinada foi a língua portuguesa. Para nós, falantes dela pode até parecer estranho. Todavia, analisando o contexto, nota-se que eram faladas línguas indígenas, tais como o tupi e o guarani. A língua dos conterrâneos Cabral foi introduzida pelos jesuítas, que o ensinaram de uma maneira direta aos nativos, com o propósito de catequizá-los. Até gramáticas foram confeccionadas para um ensino mais eficaz.

Foi somente no império, mais especificamente em 1809 no Segundo Reinado, que o ensino de línguas estrangeiras foi oficializado e formalizado por meio de decreto oficial de 22 de junho de 1809, pelo qual foram criadas duas cadeiras, uma para língua inglesa e outra para a francesa, ensinadas devido às necessidades do momento. O Brasil sofria forte influência cultural da França e mantinha relações comerciais fortíssimas com a Inglaterra, o que justificava o ensino dessas línguas. Além do mais, foi nesse período que a profissão de tradução foi oficializada no Brasil por D. Pedro II (CESTARO, 1999, p. 44).

Terminado o Reinado, a República é decretada e com ela, a necessidade continua. Entretanto, o ensino era muito precário, sem recursos e com professores estrangeiros. Havia uma carga horária bastante significativa. Todavia, em 1925, ela sofre uma redução drástica, passando de 76 para 29 horas anuais. Isso significa menos de 1h por semana. Neste período, não eram ensinados somente inglês e francês. Também foram inseridas as línguas clássicas, como o

grego e o latim, ministrados por professores ligados à Igreja Católica (LEFFA, 1999, p. 15).

Após a redução drástica, a sociedade já tinha consciência da necessidade de estudar e aprender uma língua estrangeira moderna. Além disso, foi percebido a importância da produção oral e da compreensão oral. É importante ressaltarmos que a metodologia até então empregada era o método de gramática e tradução, o qual não tem nenhuma preocupação com fala e audição.

A Reforma de Capanema, implantada entre 1942 e 1946, foi o documento que exaltou o nacionalismo, mas exaltou também a importância do estudo das línguas estrangeiras. Conseguiu-se manter um status e tenta-se implementar novas propostas para o ensino. Segundo Leffa (1999), nesta ocasião o francês e inglês caminham lado a lado, apesar de haver uma preferência pela língua de Paris. A preocupação com a metodologia também cresceu. Houve um decreto dentro da Reforma que implementou o método direto, mostrando a preocupação com o uso prático e em um contexto real¹.

Na contemporaneidade, o ensino de línguas segue a LDB de 1996 e as implementações do PCN, os quais veremos em itens a seguir.

3.2 A LDB e o ensino de línguas estrangeiras

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), como o próprio nome sugere, é um documento oficial que tem o objetivo de nortear e regularizar a educação no nosso país. Na história da educação brasileira, foram redigidas duas LDBs, uma em 1971 e outra em 1996, ainda em vigor. Segundo Souza & Silva (1997), a LDB não pode divergir da constituição federal e deve regular “a vida das redes escolares, no que diz respeito ao ensino formal” (p. 2).

¹ Essa implementação foi resultado de uma preocupação mundial com a usabilidade das línguas estrangeiras. Isso foi o princípio para a abordagem comunicativa, a qual se iniciou na década de 1960 e se estende até a atualidade.

A primeira LDB foi promulgada pelo então presidente, o Gal. Emílio G. Médici, em 1971. Na história da legislação brasileira, ela foi importante por ser a primeira no ramo da educação. É importante lembrar que nesse período, o Brasil estava passando pela ditadura militar, com grandes turbulências, marcada pela luta entre conservadores (membros do governo) e progressistas, que eram muitas vezes isolados em outros países. Além disso, com o furor econômico promovido pela ditadura, a necessidade de mão de obra era grande, o que levou à escolha pelo ensino técnico, mais curto e mais focado no mercado de trabalho.

Esta LDB foi considerada um grande avanço, pois se tentou promover uma descentralização do poder, mesmo que não muito eficiente. O Estado brasileiro capitalista buscou construir uma escola que fosse interessante apenas para ele e não para a população. A educação, sobretudo a superior, era para a classe mais favorecida (SOUZA & SILVA, 1997, p. 55).

O ensino foi dividido em graus. O primeiro grau dividia-se em dois, o primário (1a à 4a séries) e ginásial (5a à 8a série). Já o segundo grau, abrangia três séries, incluindo o ensino técnico. Já o terceiro era o universitário, responsável por formar muitas profissões e alguns níveis de professor. A creche e o jardim eram complementares, mas não obrigatórios, cabendo ao sistema de ensino a sua aplicação, como nos confirma o parágrafo segundo do Art. 19: “Os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes.”.

Nesta LDB, o ensino de línguas estrangeiras perdeu a obrigatoriedade, sendo uma matéria optativa. A lei foi aprovada depois de 13 anos de discussões e já não condizia com a realidade da sociedade brasileira. Passava-se por um início de globalização e a revolução tecnológica. E assim, a situação de optativa da língua inglesa não condizia com a realidade comercial do momento.

Além disso, por meio da Lei Federal 5692/ 71, foi reduzido em um ano o tempo escolar. A preocupação era a formação profissional para o mercado de trabalho. Como as obras do governo federal eram bastante intensas para promover o furor econômico, necessitava-se de mão de obra qualificada de maneira mais

rápida. Reduzir um ano e aliar ensino colegial ao técnico foi a solução então encontrada pelo governo para suprir as necessidades do momento.

Sinteticamente, a LDB/ 71 foi bem genérica, mas, como já dissemos, um valioso instrumento em busca de uma educação de mais qualidade, ao passo que sistematizou o ensino no Brasil.

Já a Lei 9393/96, também conhecida como Lei Darcy Ribeiro, só foi promulgada após muitas reuniões e discussões da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa na Educação), grupos de docentes, políticos e a realizações de vários fóruns. Ela foi acompanhada pelo furor da abertura política do final da década de 1980 e pela nova constituição de 1988. Levou ao todo oito anos desde a primeira discussão, em 1988, até a sua promulgação em 1996, e levou mais de mil emendas. A lei que temos hoje é muito diferente daquela pleiteada pelos professores, visto que é um reflexo da influência da política neoliberalista do então presidente Fernando Henrique Cardoso (Valle et al, 2009, p. 44).

Muitas modificações foram feitas na nova LDB, sendo um marco histórico para a nossa educação. Podemos pontuar como primeira característica a democracia, pois ela abriu espaço para todos aqueles envolvidos no espaço educacional. Também podemos pontuar a indicação da gestão democrática da educação como forma de melhor gerir os recursos.

Dentre as suas modificações, os Parâmetros Curriculares Nacionais foi a primeira grande mudança. Não será dito muito neste momento, pois no item a seguir, o assunto é os PCNs.

Houve uma divisão entre união, estado e município nas tarefas. São tarefas do Estado elaborar um plano de educação, organizar órgãos e instituições oficiais, prestar assistência técnica e financeira a estados e municípios, estabelecer diretrizes para os três níveis de ensino, coletar e disseminar informações sobre a educação brasileira, baixar normas gerais para o ensino superior, assegurar um projeto nacional de avaliação (BRASIL, 1996).

Já aos estados da federação cabe organizar e manter órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, definir com municípios formas de colaboração de implantação e manutenção do ensino fundamental, elaborar políticas

públicas de acordo com as normas federais, baixar normas complementares para o seu ensino, assegurar o ensino fundamental e manter o ensino médio (BRASIL, 1996).

Por sua vez, os municípios devem organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais, exercer ação redistributiva em relação às suas escolas, exercer ação redistributiva em relação às suas escolas; baixar normas complementares para o seu sistema de ensino; autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino; oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental (BRASIL, 1996).

Segundo a Valle et al (2009), foi omitido o número máximo de alunos por classe, o que dificulta o ensino e a inclusão de alunos com necessidades especiais; não há piso salarial para professores; não houve aumento de verba com a mudança do Fundef para Fundeb, destinando a mesma verba para ensino infantil e fundamental, além de outras dubiedades.

Essa lei sancionou 200 dias letivos mínimos para as escolas, a inclusão da educação infantil, carga horária mínima de 800 horas anuais para ensino fundamental e médio, possibilidades de aceleração de alunos e promoção de séries. Além disso, regularizou o financiamento da educação, bem como a educação continuada dos profissionais da educação, como vemos por meio do artigo 67, inciso II:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:
 II - Aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;
 (BRASIL, 1996)

No que tange as línguas estrangeiras, a LDB/ 96 resgata a necessidade de seu estudo, por meio do artigo 96:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.
 (...)

§ 5 Na parte diversificada do currículo será incluída, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.
(BRASIL, 1996)

A escolha da língua estrangeira para se incluir no currículo é facultativa para cada comunidade escolar. Em 2005, foi decretado que a língua espanhola deve ser oferecida nas escolas, mas cursá-la não é obrigatório ao aluno. Não há uma carga horária mínima, nem para o ensino fundamental, nem para o médio. Por meio do artigo 36, inciso III, a língua estrangeira se torna obrigatória no ensino médio:

Art. 36 O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:
III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.
(BRASIL, 1996)

Pelo que foi exposto, é perceptível que o ensino de línguas estrangeiras foi perdendo espaço e carga horária. Todavia, a LDB de 1996 foi aquela que resgatou a importância e a colocou no centro como ferramenta para compreensão do mundo globalizado em que vivemos.

3.3 PCN: um norteador para a ação pedagógica

Como visto anteriormente, a LDB de 1996 implementou os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para a educação básica. Eles surgiram como um referencial teórico para o ensino fundamental e posteriormente para o ensino médio.

Desde sua implementação, os documentos já receberam uma crítica dos teóricos e pesquisadores de educação por um motivo: como estabelecer uma unidade em um país continental como o Brasil? Nesse contexto, onde fica a unidade local? Sabe-se que o Brasil não é homogêneo o bastante para buscar uma unidade. Apesar de todas essas discussões, a importância do PCN como um norte para os

professores é de grande importância para a melhoria da qualidade da educação brasileira.

Há atualmente três versões dos documentos. Os PCNs propriamente ditos foram os primeiros a serem lançados em 1998, abrangendo todas as séries do ensino fundamental. Já o PCNEM, datados de 1999, surgiram para abranger o ensino médio. Por fim, o PCN+ (2002) foi uma segunda versão daquela de 1999, mais moderna e abrangente, além de mais condizente com a realidade nacional. Ambos estabelecem um modelo de ensino, deixando em aberto às escolas a concepção e elaboração dos currículos.

Uma das características mais inovadoras foi a implementação dos temas transversais. Há a proposta de ruptura do modelo tradicional de disciplinas. A proposta dos PCNs é o trabalho por meio dos projetos entre as disciplinas, sob uma nova organização que perpassasse os campos do conhecimento, que os interligaria, tornando a escola mais prática para a vida. Segundo Araújo (2003), os PCNs, quando concebidos, trazem a didática transversal como parte do currículo escolar. Entre os temas, estão a ética, a saúde, o meio-ambiente, o trabalho e o consumo. O documento oficial confere à cada instituição a liberdade de como trabalhar a transversalidade. Assim, ficaria mais fácil de inserir o aluno no mundo globalizado, fazendo dele ainda um sujeito cidadão crítico-construtivo, passíveis de construir o seu próprio conhecimento.

Os PCNs foram concebidos com base no construtivismo interacionista de Piaget e sóciointeracionista de Vigotsky. Eles privilegiam três tipos de conhecimentos: o textual, o de mundo e o sistêmico (regras de uma língua). Eles apresentam como foco a formação da cidadania e do indivíduo, ao passo que o PCNEM prioriza o mundo do trabalho. Eles recomendam a integração das quatro habilidades leitura, escrita, audição e fala. Além disso, eles recomendam o trabalho com gêneros textuais variados do mundo contemporâneo (China, 2009, p 66).

Os PCNs (1998) tratam do ensino como um componente para garantir a formação de um sujeito como agente social. Além disso, admitem a importância da língua inglesa, como se confirma no trecho a seguir: “A importância do inglês no mundo contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômica, não deixa dúvida sobre a necessidade de aprendê-lo” (p. 50). Também ressaltam o papel da

língua inglesa como forma de inserir o aluno no mundo atual globalizado e dotado de tecnologia.

Os PCNs destacam o ensino de leitura como aquele que mais deve ser incentivado. Todavia, demonstra que essa habilidade tem fins comunicativos, inserindo o aluno no contexto social. Recomenda-se o uso da abordagem comunicativa de ensino, a qual o ensino é voltado para a realidade do aluno.

Já o PCNEM (1999) tem como objetivo formar o aluno para a cidadania e para o mercado de trabalho. Novamente, mostra-se uma preferência pela leitura, visto que é aquela que o aluno mais precisará quando ingressar no mercado. China (2009) afirma que o documento concentra o ensino para fins de comunicação, recomendando também o uso da abordagem comunicativa. O professor deve basear-se então nesta modalidade de ensino.

Segundo o PCNEM (1999), são competências do ensino de língua estrangeiras: saber distinguir entre as variantes linguísticas; escolher o registro adequado para cada contexto de conversação; escolher o vocábulo que melhor reflita a ideia que se pretende expressar; compreender enunciados em língua estrangeira; utilizar estratégias escritas e orais para melhor uso e articulação da língua estudada.

Em linhas gerais, os PCNEMs (1999) vêem a língua inglesa como essencial para a formação integral, devendo o aluno adquirir competência linguística para utilizá-la, como se observa no trecho abaixo:

Embora seja certo que os objetivos práticos – entender, falar, ler e escrever – a que a legislação e especialistas fazem referência são importantes, quer nos parecer que o caráter formativo intrínseco à aprendizagem de Línguas Estrangeiras não pode ser ignorado. Torna-se, pois, fundamental, conferir ao ensino escolar de Línguas Estrangeiras um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permitir-lhe acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribua para a sua formação geral enquanto cidadão.

(BRASIL, PCNEM, 1999, p. 26).

Por fim, os PCN+ (2002), documentos complementares aos de 1999, sugere uma reformulação do Ensino Médio e a divisão em várias áreas do

conhecimento: Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Humanas; Linguagens e Códigos. Ele reforça a importância da língua inglesa e a sua relação com o mundo do trabalho e com o mundo globalizado. No que tange metodologias, ele sugere o uso do método gramática-tradução, ou tradicional, como forma de melhor trabalhar o texto, visto como ponto de partida do trabalho do professor. Aliás, eles oferecem a ele subsídios para que tenha condições de selecionar e organizar conteúdo a serem desenvolvidos no ensino médio, além de incitar o trabalho com diversos gêneros:

A exposição do aluno a textos de naturezas diversas promoverá múltiplas oportunidades de manejo da língua escrita e falada. É necessário que o aluno tenha contato com textos – publicitário, jornalístico, narrativo, dissertativo, poético, literário, científico – nos quais possa estreitar seu contato com a linguagem formal e informal, de modo a confrontar diferentes recursos comunicativos (PCN+, BRASIL, 2002, p. 106).

Apesar das disparidades, pode-se notar que os três documentos analisados propõem um ensino com base na abordagem comunicativa, de maneira a preparar para as situações cotidianas e ao mercado de trabalho, sem esquecer da formação crítico-cidadã.

3.4. O ensino de inglês mediado por tecnologias

Ainda há um desafio grande para os professores, que é de inserir as novas tecnologias no ensino. Por esse termo, Morán (1993, p. 52) entende como “conjunto de meios de armazenamento, tratamento e de difusão da informação, fato algo natural sempre que uma nova tecnologia é introduzida na sociedade”. Sociedade essa, como introduziu Castells (2006), da informação que, quando feita pelo computador, parece trazer maior segurança ao seu interlocutor.

A língua inglesa nos rodeia as vinte quatro horas do dia. Tal influência só aumentou com as novas tecnologias da informação, incluindo os *smartphones* e *tablets*, que democratizaram e facilitaram o acesso à Internet. Dessa forma, o sujeito se vê exposto a todo o momento à língua estrangeira, sem possibilidade de fugir dessa situação.

Desde a educação infantil, o aluno domina as novas tecnologias, cresceu com computador e videogames e é conectado 24h no Facebook (FB). Esse perfil foi traçado por Weissheimer e Leandro apud Araújo e Leffa (2016, p. 125). Os autores

conduziram uma pesquisa acerca da rede criada por Mark Zuckemberg e sua funcionalidade no ensino superior, concluindo que:

1. Os grupos de FB devem ser usados para aprendizagem colaborativa;
2. O FB é um espaço apropriado para aprendizes jovens e
3. Os professores devem ser cautelosos a usar essa ferramenta, visto que nem todos podem responder bem à proposta pedagógica.

Blake (2011) conduziu uma pesquisa em terras norte-americanas, comparando alunos do mesmo curso, mas de modalidades diferentes. O grupo A só recebia instrução presencial, ao passo que o grupo B a recebia também on-line. Concluiu-se que a quantidade de tempo dedicada ao estudo foi maior para o grupo B, além de que o mesmo grupo apresentou maior engajamento e performance em sala de aula, finalizando o semestre com notas superiores a todos do grupo A.

Oferecer uma tarefa online é bastante diferente de uma presencial. O professor precisa de ter em mente uma série de fatores, como a grande gama de informações as quais os alunos têm acesso na internet e que não teriam na sala tradicional. Outro fator é questão tempo. Nos cursos EaD, os alunos geralmente têm um prazo para a entrega das atividades, não podendo ser negociado extensão do mesmo, pois muitos ambientes virtuais não permitem. Já no presencial, isso é amplamente negociado (FILATRO, 2008).

Há ainda as salas de aula invertidas. Nesse modelo de ensino, o aluno se torna o foco da aprendizagem e os eventos não acontecem só na sala. O estudante aprende em qualquer lugar, por meio de textos, vídeos ou outras atividades didáticas. A tecnologia é empregada para que o professor e o aluno tenham o tempo otimizado. Na sala de aula de idiomas, o aluno mais proficiente pode entender um vídeo na primeira vez, enquanto outros não. Assim, quando o exercício é feito em casa, cada um aproveita melhor o seu tempo, sendo o tempo de sala usado para outras atividades (BLAKE, 2011).

Weissheimer e Leandro apud Araújo e Leffa (2016) apontam ainda que o tempo de sala é um fator bastante otimizado em sala de aula, com o uso de tecnologia. Se os alunos tiverem contato prévio com os conteúdos, preparam-se para a aula, sendo esta um momento de aprofundamento do conhecimento e de

solução de dúvidas. Além disso, é um momento de feedback e reflexão mais profunda, em que os alunos podem se envolver em atividades ativas, como debates, que demandam pensamento crítico e auxiliam no processo de aprendizagem significativa.

De forma geral, a língua inglesa está em todos lugares e plataformas. E investigar o seu ensino no ensino superior utilizando redes sociais é uma realidade. Os espaços de aprendizagem são colaborativos e possibilitarão a liberdade para iniciar interações e participações com um único objetivo: aprender uma segunda língua.

4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Este é um dos capítulos de grande importância para o trabalho. Com base na teoria apresentada, os dados serão tabulados e analisados de forma qualitativa, na sua maioria. Conforme os dizeres de Martins (2004), essa pesquisa trabalha com unidade sociais. Assim, privilegia os estudos de caso – caso aqui é entendido como indivíduo, grupo, instituição, comunidade. No nosso caso, o grupo aqui retratado é o de professores de língua inglesa e o seu uso de tecnologia. Os questionários foram aplicados on-line. Foi possível obter um total de 19 respondentes, os quais chamaremos de Px, sendo X a ordem de resposta.

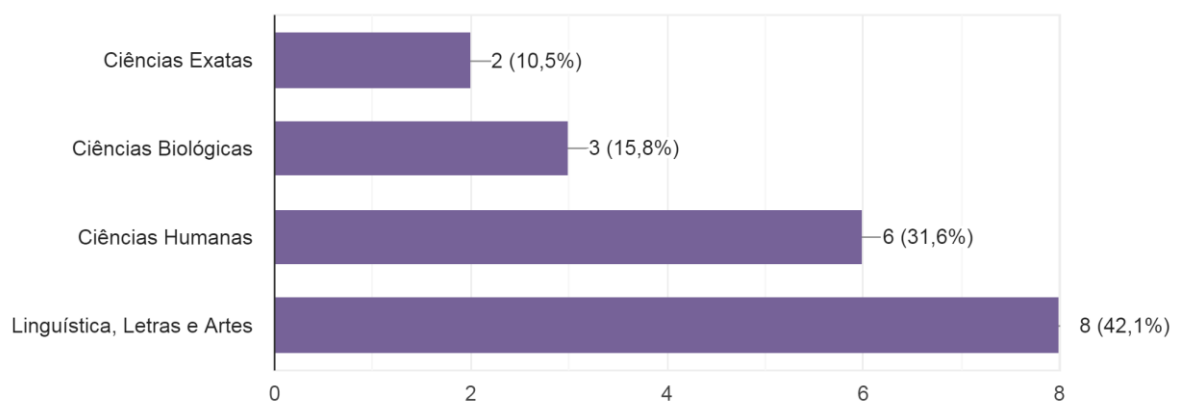
4.1 Análise da caracterização dos docentes

A primeira pergunta era sobre a área de formação. Sabe-se que no Brasil há muita disparidade entre a disciplina lecionada e graduação. Conforme foi apurado, 42,1% é graduado na área de Linguística, Letras e Artes. Contudo, 31,6% é das Ciências Humanas. Os dados que nos chamaram atenção foi o fato de 26,5%, ou seja, um quarto, ser de área de Exatas e Biológicas.

Figura 1 Área de formação dos entrevistados

Qual a sua área de formação?

19 respostas



Richards e Rodgers (2010) e Brown (2000 e 2001) apontam que os professores de idiomas devem ser formados em Letras, pois é nesse curso que se

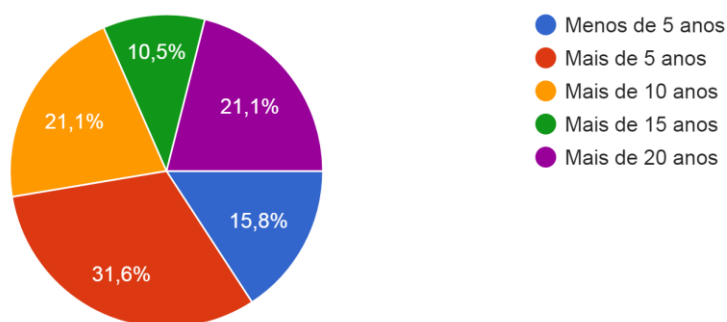
obtém os conceitos adequados sobre língua e linguagem, além de aprender efetivamente a trabalhar técnicas de ensino. Brown (2000) alerta para o fato de que não basta saber o idioma para lecionar, uma vez que é necessário conteúdos teóricos e pedagógicos para tal.

O tempo de sala de aula foi o questionamento número dois. Obteve-se o seguinte resultado:

Figura 2 Tempo de atuação dos docentes entrevistados

Há quanto tempo você atua como docente?

19 respostas

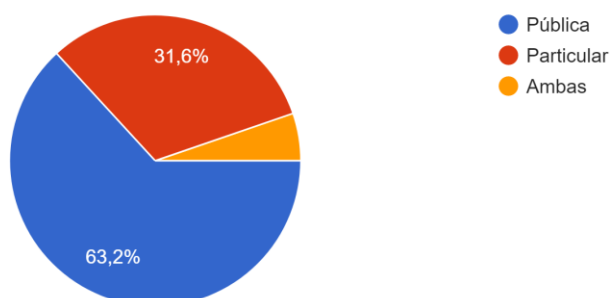


Pode-se observar que um terço está lecionando há mais de 15 anos. Essa faixa da pesquisa poderá apresentar alguma dificuldade com a inserção das novas tecnologias em sala de aula, visto que são considerados imigrantes digitais.

Figura 3 Rede de ensino de atuação dos entrevistados

Qual a rede de ensino de sua atuação?

19 respostas

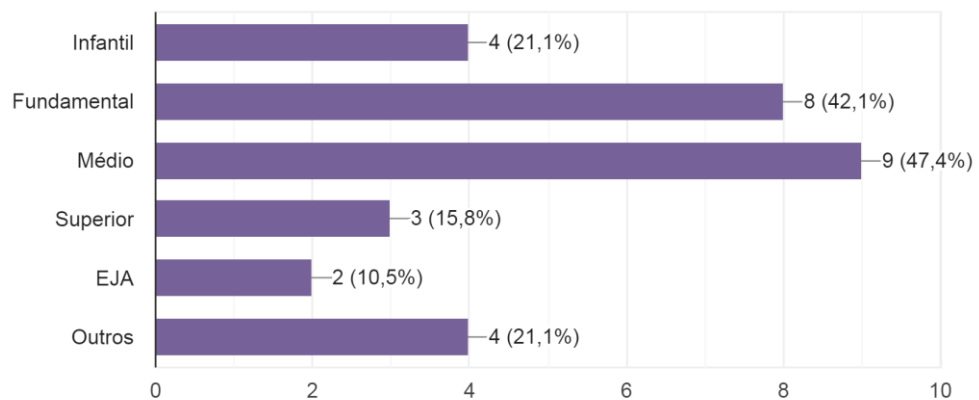


Outro fator agravante para o ensino mediado por tecnologia é o trabalho em redes públicas. Sabe-se que o poder público não investe o valor que deveria, deixando muitas escolas em situação de sucata. Nossa terceira pergunta era sobre a rede que o professor trabalhava – pública, particular ou ambas. A maioria (63,3%) apontou a pública, o que desperta a nossa preocupação.

Figura 4 Nível de ensino de atuação dos entrevistados

Em quais nível de ensino você atua?

19 respostas



A pergunta de número quatro indagou sobre o nível de ensino em que os professores atuam. Nesta questão, os resultados passam de 100% porque os professores poderiam assinalar mais de uma alternativa. A opção “outros” foi inserida para aqueles professores que trabalham com aulas particulares ou em escolas de idiomas, práticas comuns no mercado de ensino de idiomas.

Diante das respostas, percebe-se que há grande parte trabalhando com pré-adolescentes e adolescentes (níveis fundamental e médio). Esses alunos já fazem parte da geração de nativos digitais, o que demanda várias atividades com usos de tecnologias, já que Ihe são familiares.

Assim, ao término da primeira parte, pode-se afirmar que o perfil dos respondentes dessa pesquisa é de professores mais experientes, formados na sua maioria em Letras ou Ciências Humanas, que atuam na rede pública com alunos de ensino fundamental e médio.

No item a seguir, serão analisadas as respostas das perguntas específicas, que estão relacionadas com a prática docente com o uso das novas tecnologias.

4.2 Análise do uso de redes sociais na educação

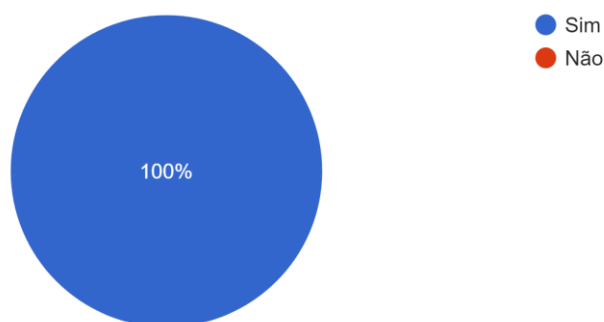
Nesta segunda parte, nossa análise será específica acerca dos hábitos de uso de redes sociais e como elas são usadas na sala de aula dos professores de inglês.

Na figura 5, como se pode notar, é unânime o uso de redes sociais por partes dos professores, corroborando com o que apontamos na parte teórica.

Figura 5 Porcentagem de usuários de redes sociais

Você usa as redes sociais no seu dia a dia?

19 respostas



Contudo, apesar de todos usarem as redes sociais, a figura 6 nos mostra que o acesso não é feito somente pelo celular, visto que nem todos têm o aplicativo do Facebook instalado. O confronto de dados versus aplicativo instalado nos mostra que os 15,8% que não o têm instalado são da faixa etária de 40 anos ou mais, ou seja, imigrantes digitais. Assim, acreditamos que a ausência do aplicativo se dá ou por não saber como usá-lo ou por desinteresse mesmo. Além disso, a questão do acesso é outro ponto crucial. Como pode-se notar na Figura 7, o acesso ao Facebook se dá em casa ou pela internet móvel. Acreditamos que a falta de infraestrutura das escola colabora para esse quadro, o que diminui a possibilidade de uso da ferramenta da sala de aula. Mattar (2013) ressalta essa conclusão, principalmente no caso das escolas públicas, onde os professores sequer têm computadores e laboratórios de informática para usar com os alunos.

Figura 6 Porcentagem de professores com aplicativo do Facebook instalado no celular

Você tem o aplicativo instalado no seu celular?

19 respostas

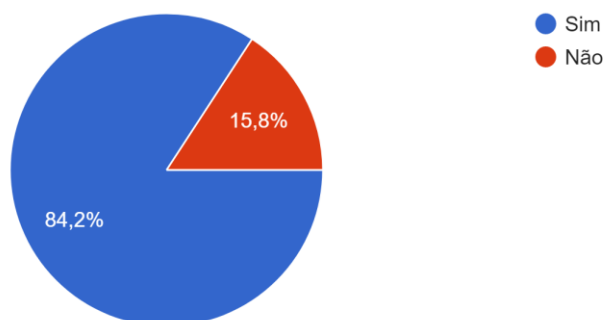
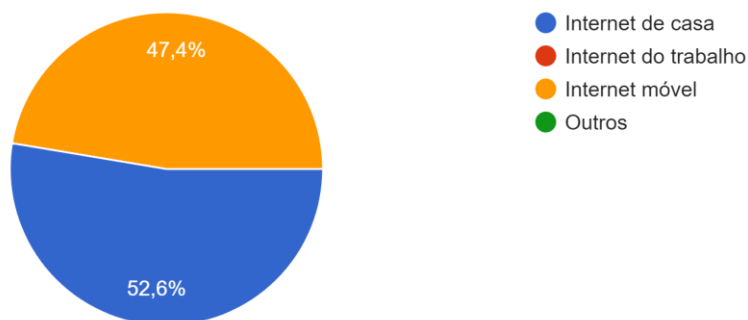


Figura 7 Meios utilizados para acessar o Facebook

Qual o meio que você mais usa para acessar o Facebook?

19 respostas

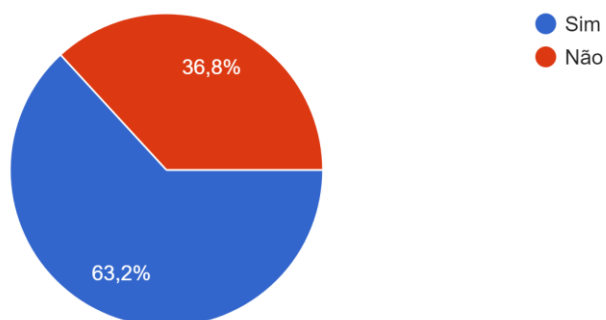


Brown (2001) ressaltava que para uma aula seja bem-ministrada é necessário que os professores tenham total domínio da metodologia e das técnicas a serem empregadas. Na mesma linha, para que uma atividade on-line tenha sucesso é necessário saber usar todas as plataformas. Entretanto, a figura 8 nos mostra que mais de um terço dos professores não tiveram a experiência de criar um grupo. Acreditamos ser essencial ter passado por isso, para criar o grupo da sala, por exemplo.

Figura 8 Porcentagem de participantes que criaram grupo no Facebook

Você já criou um grupo no Facebook?

19 respostas

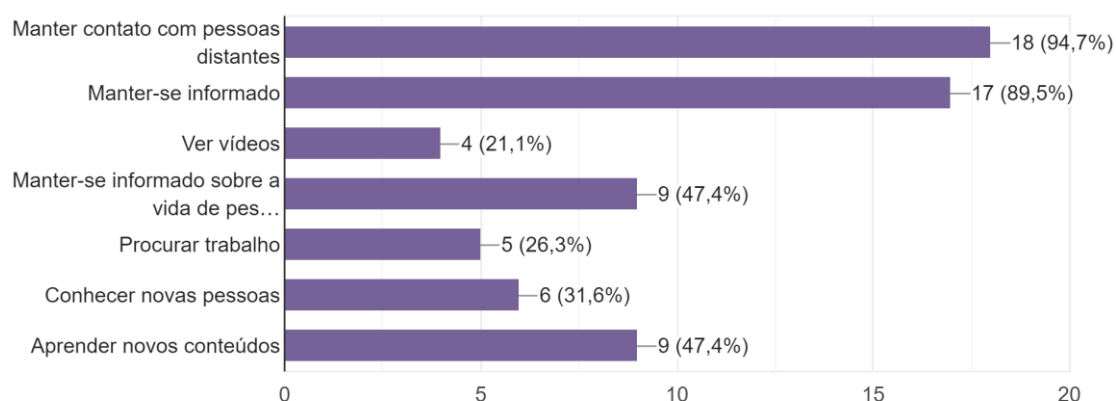


Sobre as funcionalidades do Facebook, muitos professores acreditaram que manter contato com pessoas distantes é a principal atividade do Facebook, assim como manter-se informado e aprender novos conteúdos. Araújo e Leffa (2016) ressaltam que há inúmeras possibilidades além apenas acompanhar a linha do tempo.

Figura 9 Funcionalidades do Facebook

Quais dessas funcionalidades você considera relevante no Facebook?

19 respostas



Na Tabela 1, apresentamos os resultados das estratégias de ensino que os professores podem usar para tornar a aprendizagem mais efetiva. Brown (2000, 2001) ressalta que o ensino com foco em estratégias contribui para maior efetividade do trabalho em sala de aula.

Tabela 1 Respostas da pergunta “Quais estratégias você considera pertinente de serem usadas na rede social?”

P1	Grupo para dúvidas e novos conteúdos, debates
P2	Pesquisa
P3	Interação entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem.
P4	Pesquisa e análise das informações em diferentes fontes.
P5	Uso pouco, quase nada
P6	Interação
P7	Compartilhamento de vídeos
P8	Se eu estivesse no ensino fundamental ou médio, criaria grupo privado de estudo e entretenimento educativo, da turma da sala de aula
P9	Grupos fechados (para alunos adultos)

P10	Direitos humanos
P11	Manter diálogo, utilizar de atualidades.
P12	Post interativos que levam o aluno a produzir/refletir sobre alguma coisa.
P13	Vídeos, exercícios on line
P14	Leitura de notícias
P15	
P16	-
P17	-
P18	-
P19	Comunicação entre as pessoas, notícias, vídeos, etc.

Já a tabela 2 ressalta as possibilidades enxergadas pelos professores ao usar as redes sociais. É importante ressaltarmos as respostas de P6, ao buscar contextualizar conteúdos; P7, ao citar o portfólio digital; P14, ao usar vídeos para motivar a aprendizagem; P15, ao criar grupos para interação de alunos e ex-alunos. A nosso ver, essas medidas são bastante importantes para adequar aos novos alunos nativos digitais.

Tabela 2 Respostas da pergunta “O Facebook é uma rede social, cuja função é estabelecer relações dialógicas entre os sujeitos usuários da plataforma. Diante disso, como você, professor, pode se utilizar desse grande bem da rede a favor da sua disciplina?”

P1	Sim
P2	Debates
P3	Questionários, perguntas, debates
P4	Sim.
P5	Em alguns momentos sim.
P6	Contextualizando com a realidade dos alunos e traçando paralelos
P7	Na área que eu atuo que é a educação infantil seria interessante criar registros diários, um portfólio digital com as atividades e ensinar os a buscar conteúdos para atividades em todas as áreas no próprio grupo, como um livro digital.
P8	Alguns alunos não têm mais contas lá. Prefiro usar um AVA específico pra educação.
P9	Posso trabalhar a pluralidade cultural presente nessa rede social
P10	Manter-se presente nos diálogos.
P11	Compartilhando notícias e perguntando a opinião dos alunos, criando enquetes, disponibilizando exercícios e explicações
P12	Sim.
P13	Sim. Costumo ler páginas no face sobre "Ensinar história" e "Acerto do conhecimento historiográfico", bem com "Historiadores pela democracia. Considero importantes.
P14	Usando os vídeos e comunicação entre os alunos.
P15	Eu possuo um grupo para interagir com meus alunos e ex alunos. Compartilho conteúdo e permito que eles também compartilhem e

	comentem.
P16	Publicação de conteúdo relativo a idiomas.
P17	Criando enquetes, grupos de discussão...
P18	criar grupos de discussão
P19	Sim

Já a tabela 3 trata da facilidade de acesso como recurso de aprendizagem. É bastante interessante as respostas que trilham um caminho para atividades em que o aluno faça alguma atividade, seja interação, compartilhe vídeos, até se sentindo mais motivados. Conforme discutimos no capítulo 2, quando o aluno percebe o real valor do que está sendo estudado, ele se motiva mais para tal. Também devemos notar a agilidade de informações proporcionada pelo Facebook, já que é um aplicativo de fácil acesso e já vem instalado em muitos celulares.

Tabela 3 Respostas da pergunta “De que forma a facilidade de acesso poderia contribuir para o aprendizado de seus alunos?”

P1	Contribuiria para melhor interação
P2	Coleta de informações
P3	Sim.
P4	Acredito que para analisarmos e debatermos as publicações (conteúdos)relativas a disciplina.
P5	Não sei se contribuiria de forma significativa no contexto escolar
P6	Agilidade em repassar informações
P7	Motivação
P8	Economia de tempo e mais uma ferramenta educativa, mais uma e não a única
P9	Compartilhamento de informação ou arquivos, mas para aluno mais velhos.
P10	Compartilhamento de vídeos, informações e notícias sobre o mundo ou o tópico de aprendizado
P11	Acesso fácil através de celulares e tablets.
P12	Com facilidade e frequência os alunos se acostumam mais rápido a usar a rede social como ferramenta de estudo
P13	Sentirem que podem acessar a qualquer momento, de qualquer lugar
P14	Indicar a eles essas e outras referências. Aplicar em sala, materiais didáticos como vídeos e textos "garimpados" pela professora.
P15	Usando os vídeos.
P16	Caso tenham acesso, eles podem seguir páginas e grupos de interesse.
P17	Integralmente.
P18	Eles podem acessar os conteúdos mandados pelo professor em tempo real.
P19	Facilidade de acesso e interatividade

O uso como sala virtual, como um ambiente virtual de aprendizagem, foi explorado na tabela quatro. Os alunos podem pesquisar, ver e enviar vídeos, debater temas, realizar tarefas e também compartilhar resenhas. Em tempos de internet colaborativa, o Facebook se comporta como tal, à serviço da aprendizagem. Ou como ressalta Carrano (2008), “uma grande rede de informação e colaboração à favor da educação”.

Tabela 4 Respostas da pergunta “O Facebook pode ser usado como uma grande sala virtual. Como você usaria em sua disciplina?”

P1	Em vídeos práticos
P2	Estímulo à pesquisa
P3	Sim
P4	Como um canal para os alunos tirarem dúvidas entre si e com a professora.
P5	Como exemplo para falar de alguns temas
P6	Não
P7	Não tenho certeza
P8	Sim. já foi citado acima.
P9	Usei como algo extra.
P10	Usaria para intermediar uma aula de conversação
P11	Após criação do grupo e inserção dos alunos, fomentar discussões.
P12	Criação de grupo para cara turma
P13	Com cuidado
P14	A possibilidade de acesso por parte dos alunos seria em casa. Seguindo orientações.
P15	Através da comunicação entre os alunos.
P16	Eu utilizaria/utilizo para manter contato e praticar o idioma que ensino.
P17	Elaborando tarefas dentro de uma página criada para os alunos.
P18	Fazendo um grupo para discussões
P19	Grupos de leitura e compartilhamento de resenhas

Como qualquer tecnologia, ainda pode haver problemas no uso e acesso do Facebook. Assim, a última pergunta é sobre as dificuldades encontradas. Richards e Rodgers (2010) afirmam que toda a ação educativa deve ser planejada de forma a antecipar e resolver problemas em sala de aula. Os professores apontaram a não-adequação às tecnologias (P1, P7, P10, P18), a falta de autonomia em usar as redes sociais (P4), a falta de equipamentos (P8, P11, P14, P16) e a dificuldade dos professores em lidar com tecnologia (P19).

Tabela 5 Respostas da pergunta “Você acredita que há alguma dificuldade no uso da rede social? Considere alunos e professores na sua resposta.”

P1	Sim, alguns ainda não estão adaptados a tecnologia
P2	Podem haver ferramenta que ambos não dominem.
P3	Não
P4	Sim. Infelizmente tanto alunos como professores ainda não são autônomos suficientes para usarem as redes sociais como ferramentas de estudo e trabalho. Acredito que ainda temos um longo caminho a percorrer.
P5	Sim
P6	Não
P7	Não saber todas as funcionalidades
P8	Falta de recurso e burocracia por parte do governo.
P9	Não diria dificuldade, mas inadequação. Para alunos até 16 anos nao recomendo. Para adultos talvez como algo extra classe.
P10	Nível de letramento digital dos dois influencia muito, assim como acesso à internet
P11	Acredito que não, exceto se pensarmos em infraestrutura das escolas (computadores e rede de internet).
P12	Sim, pelas funcinalidades limitadas, no caso do professor. E pela dificuldade com a navegação pela plataforma no caso do aluno.
P13	Falta de uma cultura digital e de equipamentos apropriados nas escolas.
P14	Sim. Sala de informática com equipamentos em quantidade insuficiente. Além disso, fico insegura se caso os alunos pudessem fazer uso do smartphone, se os alunos seguiriam indicações da professora ou "navegariam" conforme suas preferências, não realizando atividade proposta.
P15	Não.
P16	A maior dificuldade que já passei foi com alunos que não possuem acesso à internet ou alunos idosos, que não possuem letramento digital, além de alunos que não gostam de redes sociais.
P17	Acredito que há dificuldade de acesso para alunos com mais de cinquenta anos.
P18	Dificuldade de acesso ou desconhecimento do uso do Face.
P19	Sim, as leis que proíbem o uso do celular na sala de aula e a dificuldade que a maioria dos professores em lidar com a tecnologia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia é uma realidade do nosso cotidiano. É quase impossível pensar a nossa vida sem a facilidades dos meios de comunicação, sobretudo dos celulares. São muitas funcionalidades que deram voz a todas as pessoas. Com um clique, é possível postar um vídeo ou publicar um texto, algo antes restrito aos grandes meios de comunicação.

Em um mundo dominado pela comunicação, cada vez mais é necessário falar uma só língua para todos se entenderem melhor. Assim, a língua inglesa se tornou a língua de todos os povos. Estuda-la é quase uma obrigação para se inserir na comunidade global.

Nesta pesquisa, buscamos investigar como um dos maiores expoentes da tecnologia hoje, o Facebook, pode contribuir com o ensino da língua global. Para isso, fomos a fundo na literatura especializada e fomos a campo, a fim de buscar como professores têm feito para ensinar nativos digitais.

Vimos que ainda os professores, na sua maioria, são imigrantes, o que provoca conflitos em sala de aula. O conflito de gerações, além de questões ideológicas, pode provocá-los no campo da tecnologia. Ainda vemos muitos alunos dominantes dos aparatos digitais ensinando docentes. Não há nenhum mal nisso, contudo, o ensino perde.

Falta-nos uma política pública de letramento do professor de idiomas para aprender a usar melhor as tecnologias de comunicação e informação. Assim, poder-se-ia traçar estratégias e atividades de ensino que fizessem mais parte da realidade do aluno, de forma que ele potencializasse as suas competências em detrimento da construção de um sujeito melhor e mais antenado com o mundo.

A legislação brasileira pouco fala sobre letramento digital. É necessário investir mais e situar nosso país no cerne dessa discussão.

Esta pesquisa não é, nem tem a pretensão de ser, final acerca do assunto. O tema ainda é palco de grandes discussões, dada a importância e relevância para a realidade. Não se pode prever o futuro, mas a certeza é que a tecnologia estará muito mais avançada que hoje.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP, Pontes 1998.

ARAÚJO, U. F. **Temas Transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARAÚJO JR, C. F.; MARQUESI, S. C. **Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade**. In: LITTO, Frederic. M, FORMIGA, Marcos. (orgs). Educação a distância o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 358-368.

BLANCO, E. & SILVA, B. **Tecnologia Educativa em Portugal**: conceito. Origens, evolução, áreas de intervenção e investigação. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/521>. Acesso em 10.02.2019.

BLAKE, R. **Current trends in online teaching**. Annual Review of Applied Linguistics, 31, p. 19-35. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 2 ed. New York: Longman, 2001.

_____. **Principles of Language Learning and Teaching**. 4 ed. New York: Longman, 2000.

BRASIL. **Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931**. Ministério da Educação e Saúde.

_____. Lei Nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL**, Brasília, DF.

_____. Lei Nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL**, Brasília.

_____. Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL**, Brasília, DF, 23 dez.1996.

_____. Parecer nº. 853/71, de 12 de novembro de 1971. **Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação**. Brasília, 1971.

CARRANO, Paulo. Publicado originalmente In: MOREIRA, A.F. & CANDAU, V.M. (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 182-210.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, vol. 1. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CRISTAL, D. **English as a global language**. 2 ed. London: Cambridge University Press, 2003.

CESTARO, S. A. M. **O Ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia**. Revista Videtur. v.6. Editora Mandruvã. 1999. Disponível em: www.hottopos.com.br. Acesso em: 21.01.2019.

CHINA, A. P. Z. **A trajetória do Ensino do Inglês como Língua Estrangeira no Brasil: Considerações sobre Metodologias, Legislação e Formação de Professores**. Ribeirão Preto, SP: CUML, 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

LANZONI, H. de P. **Ensino “comunicativo” e fossilização da produção oral** In: Revista do ISAT. n° 1, 2003. p. 29-40.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional In: **Contexturas – Ensino Crítico de Língua Inglesa**. Apliesp n° 4, 1999. p. 13-24.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2010.

MARTINS, H. H. T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato educacional, 2013.

MORÁN, J. M. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

PAIVA, V. L. M. **A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa**. In: STEVENS, C. M. T; CUNHA, M. J. Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: UnB, 1998.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, Imigrantes digitais**. 2001. Disponível em: <<http://crisgorete.pbworks.com/w/file/fetch/58325978/Nativos.pdf>> Acesso em: 15.fev.2019.

RICHARDS, J. & RODGERS, T. S. **Approaches and methodology in Language Teaching**. 12. ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2010.

SOUZA, P. N. P. & SILVA, E. B. **Como entender e aplicar nova LDB**. São Paulo: Thompson Learning, 1997.

VALLE, B. B. R. et al. **Políticas Públicas em Educação**. Curitiba: IESDE, 2009.

VILA, I.L.F. **A competência linguística na aula de línguas estrangeiras** (monografia de graduação). Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá, 2009.

TOZONI-REIS, Marília F. de C. **Metodologia da Pesquisa**. 2 ed. Curitiba: IESDE Brasil/S.A., 2009.

WHEISSHEIMER, Janaina e LEANDRO, Diêgo Cesar. Facebook e aprendizagem híbrida de inglês na universidade. In: ARAÚJO, J. e LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos que aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

APÊNDICE A

Modelo de questionado aplicado

Pesquisa: uso de Facebook como estratégia de ensino

Prezado professor, esta investigação faz da minha pesquisa vinculada ao curso de Mídias na Educação, promovido pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Tem-se o propósito de investigar o uso do Facebook nas relações de ensino e aprendizagem, buscando identificar de que forma essa ferramenta tão comum no cotidiano das pessoas pode ser um aliado à aprendizagem. Assim, peço alguns minutos para que responda este questionário com franqueza. Lembre-se que quanto mais você ajuda a ciência, mais ela promove mudanças no seu dia a dia.

*Obrigatório

1. Qual a sua área de formação? *

Marque todas que se aplicam.

- Ciências Exatas
- Ciências Biológicas
- Ciências Humanas
- Linguística, Letras e Artes

2. Há quanto tempo você atua como docente? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 5 anos
- Mais de 5 anos
- Mais de 10 anos
- Mais de 15 anos
- Mais de 20 anos

3. Qual a rede de ensino de sua atuação? *

Marcar apenas uma oval.

- Pública
- Particular
- Ambas

4. Em quais nível de ensino você atua? *

Marque todas que se aplicam.

- Infantil
- Fundamental
- Médio
- Superior
- EJA
- Outros

Parte Específica

5. Você usa as redes sociais no seu dia a dia? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

6. Você tem o aplicativo instalado no seu celular? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

7. Qual o meio que você mais usa para acessar o Facebook? *

Marcar apenas uma oval.

- Internet de casa
 Internet do trabalho
 Internet móvel
 Outros

8. Você já criou um grupo no Facebook? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

9. Quais dessas funcionalidades você considera relevante no Facebook? *

Marque todas que se aplicam.

- Manter contato com pessoas distantes
 Manter-se informado
 Ver vídeos
 Manter-se informado sobre a vida de pessoas que conheço
 Procurar trabalho
 Conhecer novas pessoas
 Aprender novos conteúdos

10. Você acredita que pode usá-lo para ensinar seus alunos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

11. Quais estratégias você considera pertinente de serem usadas na rede social? *

12. O Facebook é uma rede social, cuja função é estabelecer relações dialógicas entre os sujeitos usuários da plataforma. Diante disso, como você, professor, pode se utilizar desse grande bem da rede a favor da sua disciplina? *

13. De que forma a facilidade de acesso poderia contribuir para o aprendizado de seus alunos? *

14. O Facebook pode ser usado como uma grande sala virtual. Como você usaria em sua disciplina? *

15. Você acredita que há alguma dificuldade no uso da rede social? Considere alunos e professores na sua resposta. *
